

AMANDA MOREIRA DE CARVALHO

BULLYING E FRACASSO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maringá
2011

AMANDA MOREIRA DE CARVALHO

BULLYING E FRACASSO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Maringá
2011

AMANDA MOREIRA DE CARVALHO

BULLYING E FRACASSO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Solange Franci Raimundo Yaegashi
(Universidade Estadual de Maringá)

Profª Ms Janira Siqueira Camargo
(Universidade Estadual de Maringá)

Profª Ms Celma Regina Borghi Rodriguero
(Universidade Estadual de Maringá)

DEDICATÓRIA

À família, ao noivo, aos amigos, futuros e atuais profissionais da educação;

À minha orientadora Solange pela confiança na construção desse trabalho;

Às professoras Heloisa, Gizeli, Eloísa Elena, Celma e Sheila que marcarão para sempre a minha carreira acadêmica;

Dedico também este trabalho a todos que são ou foram vítimas de *Bullying*, pois este trabalho mostra que com a ajuda de todos podemos combater esse mal que causa tanto sofrimento à população mundial, principalmente no ambiente escolar;

A você leitor, porque foi pensando em você que esse trabalho foi construído, com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora por me dar forças para chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais João e Cristina, ao meu irmão Matheus por estarem ao meu lado todo tempo, não me deixando desistir, ajudando em todos os sentidos, para que tudo acontecesse. É mais uma etapa que se encerra, muitas outras virão e quero sempre, fazer de tudo para ter a oportunidade de ouvir vocês dizendo: “Filha, tenho muito orgulho de você”. Tudo que conquistei até agora não foi só pra mim, mas para vocês também. Tudo que passamos, nossas lutas e vitórias: “Tudo valeu a Pena”.

Agradeço ao meu noivo José Rafael pela perseverança, paciência e dedicação nos quatro anos e meio que estamos juntos. Obrigada pelo apoio, por acreditar em mim e contribuir para meu crescimento pessoal, por se orgulhar de mim, enfim por tudo que você foi, é e ainda vai ser na minha vida. A toda família Santos (sogra e cunhadas) e Bianchi Costa: Ao sogro João Carlos, Luciana, Márcia Bianchi, Iracema, Ana Paula, enfim, a todos que de forma geral contribuíram nessa etapa.

Aos meus tios e primos por acreditarem e sempre terem orgulho de mim. Família Santos Moreira e Carvalho em geral. Minha avó Ana e todos meus avós que não estão mais aqui para presenciarem minhas conquistas, mas sinto que de onde estão, torcem muito por mim.

Às minhas madrinhas Elizabete e Maria, minhas primas Juliana e Alessandra por serem meu exemplo nessa caminhada.

A todas as amigas que fiz durante essa jornada acadêmica: Suely, grande amiga e parceira nos trabalhos, Ana Beatriz, Amanda Koerner, Olívia, Thatyany Gianotto e Talita Matsuo, pelo apoio e amizade; enfim todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização desse trabalho.

À família Coladello pelo apoio e amizade e família *Santo Inácio* pela oportunidade de crescer e me apaixonar pela educação, à Andréia Chicati, Irmã Mari e todas as professoras da Educação Infantil.

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”.

CLEO FANTE

BULLYING E FRACASSO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Amanda Moreira de Carvalho¹

Solange Franci Raimundo Yaegashi²

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo estudar o *bullying*, seu surgimento, características, causas, conseqüências e sua influência no fracasso escolar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza teórica na qual procurou-se focar o *bullying* no ambiente escolar, sua influência no fracasso escolar e as possibilidades de combate a esse fenômeno que aterroriza e causa tantos transtornos na sociedade. Verificou-se que as práticas de *bullying* são muito naturalizadas e, em alguns casos, não são dados os encaminhamentos necessários, o que pode causar sérias conseqüências posteriores. O que antes era considerada uma “simples” brincadeira, atualmente causa grandes transtornos na sociedade, pois muitas famílias perderam seus filhos por “brincadeira”. Chegou-se à conclusão que o *bullying* precisa ser abordado de forma mais efetiva nas discussões realizadas tanto no ambiente escolar quanto no familiar e que essas duas instâncias, família e escola precisam caminhar juntas no combate à essa prática que causa tanto mal na vida de quem é vítima, sendo um deles, o foco do estudo que é o fracasso escolar.

Palavras-chave: *bullying*, conseqüências, ambiente escolar, fracasso escolar.

BULLYING AND SCHOOL FAILURE: SOME CONSIDERATIONS

Abstract: This study aimed to study the Bullying, its appearance, characteristics, causes, consequences and their influence on school failure. To this subject, we conducted a survey of theoretical nature in which we tried to focus on Bullying in the school environment, its influence on school failure and the ability to fight against a phenomenon that frightens and causes so many problems in society. It was found that the Bullying practices are very naturalized, and in some cases, are not given the necessary referrals, which can cause serious consequences later. What was once considered a "simple" game, currently causes greater disruption in society, because many families have lost their children for "joke". Was concluded that the Bullying needs to be considered more effectively in discussions so as at school and in the family and these two instances, family and school have to come together to fighter against this practice that causes so much wrong in the lives of those who is a victim, one of them, the focus of study that is school failure.

Keywords: Bullying, consequences, school environment, school failure.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Psicóloga e Prof^a Dr^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

Introdução

A violência escolar é um dos assuntos mais discutidos na atualidade devido às repercussões trágicas de vários acontecimentos no interior das escolas, tanto no Brasil quanto no mundo. Quando se discute sobre violência escolar o termo que pauta os debates é o *bullying* (FANTE, 2005; FANTE; PEDRA, 2008; SILVA, 2010) que vem mobilizando a sociedade em geral, que preocupada com a situação, vem buscando diariamente soluções para eliminar essa prática de violência nas escolas.

Analisar os diversos comportamentos dos jovens no interior das escolas tem sido o foco de pesquisadores da mente humana desde a década de 1980 na Europa. Conforme relata Silva (2010), esses pesquisadores iniciaram a tarefa de nomear a conduta de jovens, discernindo as brincadeiras que ocorrem no ambiente escolar, desde as saudáveis até as que apresentam “requisitos de crueldade”, desrespeitando o próximo.

No cotidiano escolar, muitos alunos, segundo Silva (2010), brincam, colocam apelidos nos colegas, tiram sarro e se divertem, mas a partir do momento que essas ações, chamadas de “brincadeiras” apresentam crueldade e segundas intenções acabam ultrapassando os limites do bom senso. Com isso é importante distinguir os tipos de brincadeiras, pois de acordo com Silva (2010) brincadeiras sadias são as quais todos se divertem, porém quando apenas poucos se divertem à custa do sofrimento de alguém, já não se considera mais brincadeira.

Assim, o termo *bullying* é empregado no intuito de distinguir essas brincadeiras violentas dos demais tipos de brincadeiras. Segundo a autora, esse termo se refere aos atos de violência física e/ou psicológica que ocorrem de forma intencional e repetitiva como intuito de ferir a vítima, que na maioria das vezes encontra-se indefesa diante das agressões sofridas.

A discussão sobre o termo *bullying* apesar de ser recente no Brasil, infelizmente bem atrasada na identificação e enfrentamento do problema já vem sendo estudada há alguns anos nos Estados Unidos, país com elevados índices dessa prática violenta. Segundo Fante e Pedra (2003), os estudos sobre *bullying* tiveram início na década de 1970 na Suécia e na Dinamarca e, em 1980, a Noruega avançou ainda mais nas pesquisas, estendendo para outros países.

Com o reflexo desses estudos, o tema passou a ser abordado no Brasil no final da década de 1990 e início do ano de 2000, momento em que, segundo Silva (2010) Cleo Fante e José Augusto Pedra realizaram grande pesquisa sobre o assunto, resultando em um programa de combate ao fenômeno *bullying*, dominado “Educar para Paz”, que foi colocado em prática no interior paulista no mesmo ano. Esse programa, segundo Silva (2010), fez com que o *bullying* ganhasse espaço nos debates públicos, tornando-se necessária a discussão do problema não só no interior das escolas, mas na comunidade em geral.

Para Silva (2010, p.161) “*O bullying sempre existiu nas escolas; no entanto, somente há pouco mais de trinta anos começou a ser estudado sob parâmetros psicossociais e científicos, e recebeu a denominação específica pela qual é conhecido atualmente em todo o mundo*”

O termo *bullying* é de origem inglesa e, segundo Fante (2005, p.27), é adotado em muitos países para se referir ao “*desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa, colocando-a sobre tensão*”; para definir comportamentos agressivos e anti-sociais. Porém, o termo não tem caráter universal, apesar de tratarem aspectos semelhantes não foi o primeiro termo a ser utilizado para se referir aos atos de violência.

Na Noruega e na Dinamarca utiliza-se o termo *mobbing* e na Suécia e na Finlândia *mobbing*. Apesar de serem termos parecidos, de acordo com Fante (2005), são utilizados com significados e conotações diferentes, *mob*, de origem inglesa refere-se a um grupo grande anônimo de pessoas que se dedica ao assédio. A ação de atormentar, hostilizar ou molestar outra pessoa, portanto, *mobbing* é utilizado para relatar uma situação em que um indivíduo, sozinho ou em grupo ridiculariza outro. O termo *mobbing* foi utilizado, segundo Ruotti *et al* (2006, *apud* SEVERINO 2010, p.6) por Heineman que o denominou como violência de um grupo contra outro indivíduo diferente. Outro pesquisador que também utilizou o mesmo termo, estendendo um pouco o conceito foi Olweus que o definiu como ataques sistemáticos, pessoa a pessoa, de uma criança mais forte contra uma criança mais fraca. Há diversos termos usados em outros países para se referir a esse tipo de violência.

No Brasil não há uma definição específica para o termo *bullying*. Conforme relata Fante (2005), *bully* é traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. Considerando esses termos, *bullying* compreende-se como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por

desequilíbrio de poder, pelo fato das vítimas não conseguirem se defender. Lopes (2005, apud BANDEIRA, HUTZ, 2010, p. 132) afirma que “*o bullying pode incluir chamar por nomes, debochar, chutar, bater, aterrorizar, ignorar e rejeitar, humilhar, intimidar, discriminar, entre outras ações agressivas*”.

Silva (2010, p.21) destaca a tradução da palavra *bully*, segundo o dicionário:

[...] indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

A autora aponta que:

[...] por trás dessas ações sempre há um *bully* que domina a maioria dos alunos de uma forma que “proíbe” qualquer atitude solidária em relação ao agredido. O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* (os *bulies*) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio. (SILVA, 2010, p.21)

O que acontece na maioria dos casos é que as vítimas acabam se omitindo diante dos fatos, por medo de não saberem como se defender. Atualmente as discussões sobre *bullying* têm sido frequente no interior das escolas devido ao fato das conseqüências graves serem registradas frequentemente nos noticiários do Brasil e do mundo. A busca pela solução do problema tem sido cada vez maior diante das barbáries ocorridas no interior das escolas. Vale ressaltar que o *bullying* não ocorre somente na escola, ele ocorre a todo o momento, em casa, no trabalho, na igreja, ou seja, em todos os espaços de convívio social. O fato de a pesquisa ser direcionada mais para o campo escolar justifica-se pelo fato da escola ser um espaço onde a maioria dos jovens, crianças passam a maior parte do tempo, o local onde, infelizmente os atos de violência ser cada vez mais intenso. O que pode acontecer também é os outros espaços, como a família, acabarem direta ou indiretamente contribuindo para o aumento dessas práticas, o que acaba dificultando ainda mais o combate dessa violência.

Uma das características marcantes dos atos de *bullying*, é que elas não apresentam motivações específicas ou justificáveis “[...] de uma forma quase “natural” (aspas da autora) os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.” (SILVA,

2010, p.21). Essa ação, conforme destaca a autora acaba produzindo e alimentando muita dor e sofrimento na vítima.

É importante ressaltar que a escolha do tema Bullying se deu devido ao fato de ser um dos assuntos mais discutidos na atualidade, tanto por educadores, que presenciam situações de Bullying diariamente no cotidiano escolar, quanto por profissionais da área da saúde, como psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neuropediatras, dentre outros, por constatarem as consequências desses atos no contexto clínico, em alunos que ora atuam nos papéis de vítimas, ora de agressores.

Neste sentido, a problemática que pretendemos estudar no presente trabalho pode ser colocada da seguinte forma: Quais as inter-relações entre *bullying* e fracasso escolar?

Dessa forma, o objetivo da presente pesquisa é estudar o *Bullying*, seu surgimento, características, causas, consequências e sua influência no fracasso escolar de crianças e adolescentes. A fim de alcançar esse objetivo o artigo foi subdividido em três partes. Na primeira abordamos o conceito de *bullying*, bem como suas causas e consequências. Na segunda, por sua vez, enfocamos a questão da identificação das vítimas, dos agressores e o papel das testemunhas. Por último, destacamos as relações entre *bullying* e fracasso escolar.

1. *Bullying*: definições, causas e consequências

Pode parecer estranho, mas todas as pessoas estão vulneráveis ao *bullying*, presenciam e convivem com essa situação diariamente, no papel de testemunhas, vítimas e muitas vezes como agressores. Percebe-se também, que na maioria das situações, o mesmo indivíduo que pratica o *bullying* também é vítima dele. O que acontece é que muitos jovens, crianças e até adultos vêem essa situação como normal e alguns acham engraçado o fato de criar apelidos estranhos, debochar do colega de classe, provocar, reparar as “imperfeições”. Essas ações acabam sendo comuns em vários ambientes, como na escola, onde crianças e jovens passam a maior parte do tempo.

A frequência dos atos de *bullying* e suas graves consequências têm preocupado a sociedade em geral, fazendo com que se criem situações, atitudes que mudem a postura diante da

realidade do problema. Em recente pesquisa sobre o assunto, Tavares (2010) relata que os primeiros resultados sobre o diagnóstico do *bullying* que se tem notícia foi registrado pelo professor norueguês Dan Olweus, em 1989. Em pesquisa feita por ele com cerca de 84 mil estudantes, 300 a 400 professores e 1000 pais, pôde-se verificar que 1 em cada 7 alunos estava envolvido na prática do *bullying*.

Tavares (2010) destaca que com a publicação do livro *Bullying at School*, em 1993, Olweus apresentou ao mundo os resultados do seu trabalho de pesquisa, sugerindo projetos de intervenção e relação de sinais e sintomas que podem identificar possíveis vítimas e agressores. A partir dessa obra se deu origem a uma campanha nacional anti-*bullying*, que contou com o apoio do governador norueguês e ajudou a reduzir cerca de 50% dos casos de *bullying* nas escolas locais. O intuito de Olweus era envolver pais e professores na conscientização do problema, esclarecendo dúvidas e com isso provendo apoio psicológico e proteção às vítimas. Sua pesquisa teve repercussão em muitos países, incentivando outros a desenvolverem suas próprias ações contra o *bullying*.

Conforme relata Santomauro (2010, p.68), há cerca de quinze anos essas provocações têm sido encaradas como uma forma de violência e ganharam o nome de *bullying* (termo inglês que pode ser traduzido como “intimidar” ou “amedrontar”). O termo *bully* se refere a tirano, valentão, brigão, sendo assim, *Bullying*, conforme citado por Fante (2005) está relacionado com ações como: tiranizar, humilhar, apelidar, zoar, caçoar, perseguir, amedrontar, bater, chutar, espancar, desdenhar, chantagear, abusar, excluir, difamar, assediar, atacar...

Para Fante (2005), especialista em violência escolar e pesquisadora sobre *Bullying* Escolar, o *bullying* é considerado uma forma de violência escolar que se caracteriza como comportamentos agressivos, atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, praticados por um ou mais indivíduos (em grupo) contra outros, sem motivação evidente, que tem por consequência dor, angústia e sofrimento. Segundo a pesquisadora, as práticas de *bullying* violam o direito á integridade física e psicológica e á dignidade humana. Esses atos trazem consigo ameaças ao direito à educação, ao desenvolvimento, á saúde e à sobrevivência.

Segundo Fante (2005, *apud* Santomauro, 2010, p. 69), “muitos efeitos são semelhantes para quem ataca e é atacado: déficit de atenção falta de concentração e desmotivação para os

estudos”. Partindo dessa consideração, podemos afirmar que o bullying influencia no fracasso escolar, ocasionando prejuízos no processo de aprendizagem e na socialização.

2. Identificação de vítimas, agressores e testemunhas

Fante (2005, p.71) destaca que “*Estudiosos dos comportamentos bullying identificam e classificam os tipos de papéis desempenhados, que são bem definidos entre os envolvidos no fenômeno [...]*”. Silva (2010, p.37) relata que assim como nas tragédias (no qual a autora se refere e comenta sobre a tragédia grega)

[...] o bullying também é constituído de personagens e enredos, que nos despertam terror, compaixão e empatia. No entanto, de forma diversa, felizmente, o bullying pode ser identificado, combatido e enfrentado por todos que heroicamente lutam para mudar o rumo dessa história. Para isso, precisamos distinguir e classificar os protagonistas dessa dramática realidade.

2.1 As vítimas

Lisboa (2005, *apud* BANDEIRA; HULTZ, 2010, p.132) enfatiza que “*A vitimização pode ser considerada como um processo que ocorre na esfera coletiva, como um fenômeno social, em que a violência dos agressores é reforçada através da interação social entre os membros do grupo.*” Moura, *et al* (2011, p.20) afirma que

[...] Um estudante é considerado vítima de bullying quando é repetidamente exposto a ações negativas de parte de um ou mais estudantes. Estas ações negativas podem dar-se de forma de contato físico, abuso verbal ou com expressão ou gestos rudes. Espalhar rumores e excluir a vítima de um grupo também são formas comuns de violência. [...] As vítimas frequentemente, têm um sentimento de insegurança que as impede de solicitar ajuda. Fazem poucas amizades, são passivos e não reagem aos atos de agressividade. [...]

Pereira (2002, *apud* SEVERINO, 2010, p, 19) aponta que “[...] as vítimas encontram dificuldade na relação com os pais. [...] experimentam afetividade fraca, excesso de ameaça e/ou concomitantemente condutas de superproteção, refletindo falta de consistência nas práticas de disciplina/monitorização.”

Segundo Fante (2005) e Silva (2010) as vítimas são classificadas em três grupos: vítima típica, provocadora e a agressoras.

2.1.1 Vítima Típica

Caracteriza-se como vítima típica, segundo Silva (2010, p.37) alunos que apresentam pouca habilidade de socialização, são tímidas e reservadas e não reagem aos comportamentos provocadores e agressivos contra elas, são frágeis portadoras de alguma característica física marcante, ou seja, “qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do bullying. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis.”(p.38). As crianças e adolescentes vítimas apresentam insegurança, “*extrema sensibilidade, passividade submissão, falta de coordenação motora, baixa auto-estima, ansiedade excessiva, dificuldades de se expressar*” e se impor no grupo física e verbalmente, tornando-se alvos fáceis dos ofensores (idem). Com isso, conforme destaca Fante (2005, p.71) acabam servindo de *bode espiatório* para um grupo. Com relação aos demais aspectos Fante (2005) reatam os mesmos que já foram citados.

2.1.2 Vítima Provocadora

Para Fante (2005, p.72) as vítimas provocadoras são aquelas que “*provocam e atraem reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência.*”, possuem “*gênio ruim*” (aspas da autora), *tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz*”. Silva (2010, p. 40) relata que as vítimas provocadoras acabam revidando de alguma forma as agressões sofridas, *discutem ou brigam quando são atacadas ou insultadas [...] são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas*”.

Trata-se nesse grupo, “*crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola*” (idem). Esse tipo de vítima é, conforme relata Fante (2005, p.72) “*inquieta, dispersiva e ofensora, [...] tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por criar tensões no ambiente em que se encontra*”. Porém, infelizmente com essas reações as vítimas não se dão conta que esse tipo de comportamento instiga, estimula muito mais a reação dos agressores que aproveitam dessas reações e “*continuam incógnitos em suas táticas de perseguição*”.

2.1.3 Vítima Agressora

A vítima agressora é aquela que, segundo Fante (2005, p.72) “*reproduz os maus tratos sofridos*”. Nessa situação, a vítima “*tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes espiatórios, na tentativa de transferir os maus tratos sofridos*”. Ou seja, ao mesmo tempo em que ela é vítima de *bullying* acaba reproduzindo em outra pessoa, ao mesmo tempo em que sofre, pratica, como um mecanismo de defesa, de compensação diante dos ataques sofridos. Silva (2010, p.42) ressalta que com esse comportamento de “*Bateu, levou*” ou “*tudo que vem tem volta*” (aspas da autora) as práticas de *bullying* acabam se tornando mais difíceis de serem combatidas, pois “*ganham proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça á saúde pública*”. (idem).

2.2 Agressores

Segundo Silva (2010, p.43)

[...] podem ser de ambos os sexos, geralmente têm em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, [...] perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico [...] pode agir sozinho ou em grupo.”

Os agressores apresentam comportamentos agressivos que podem ser identificados desde cedo, como:

[...] aversão ás normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles [...]. (idem)

Pereira (2002, *apud* SEVERINO, 2010, p.18) cita que as confusões parentais e as desavenças na família são fatores que surgem quando analisado o padrão de comportamento das crianças que se envolvem no *bullying*. O autor enfatiza que os agressores podem apresentar “*comportamentos de poder em família e falta de coesão com a mesma.*” Em muitos casos trata-se de indivíduos que não tem uma boa relação familiar, tem resistência à imposição de limites, tem atitudes agressivas com os pais e irmãos.

2.3 Testemunhas

Fante (2005) e Silva (2010) referem-se às testemunhas como “*espectadores*”, subdividindo-os em três grupos distintos: passivos, ativos e neutros. Para Silva (2010, p.45) os espectadores são “*alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.*” Eles ficam somente de platéia diante das barbáries que assistem, muito vezes por frieza, ou como também por medo de serem vítimas também, com isso acabam se escondendo de diversas formas por trás dos agressores.

2.3.1 Testemunhas Passivas

Os alunos assumem esse tipo de postura por medo de se tornarem vítimas, pois acabam recebendo ameaças explícitas ou veladas. Segundo Fante (2005, p.45-46) eles “[...] *não concordam e até repelem as atitudes dos bullies [...]*”, porém, não tomam qualquer atitude de defesa com relação às vítimas. Os envolvidos nessa posição de passividade acabam “[...] *propensos a sofrer as conseqüências psíquicas, uma vez que suas estruturas psicológicas também são frágeis*”. Isso ocorre por que como tem medo de receber ameaças e são induzidos manter o silêncio eles acabam internalizando tudo que assistem, e por não terem atitude nenhuma acabam sofrendo alguns transtornos psicológicos.

2.3.2. Testemunhas Ativas

Conforme relata Fante (2005, p. 46) os alunos que fazem parte desse grupo “*não participam ativamente dos ataques contra as vítimas, porém manifestam “apoio moral” (aspas da autora aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Mesmo não se envolvendo diretamente, se divertem com os ataques, como também, em muitos casos podem ser os próprios articuladores dos ataques, no qual tramam tudo e depois apenas observam e se divertem, vendo o “circo pegar fogo”.* Como eles não tem força, e muitas vezes coragem para enfrentar as vítimas eles usam o “maioral do grupo, o mais forte” para agirem em seu lugar, eles articulam tudo e depois assistem a execução com a maior frieza possível.

2.3.3 Testemunhas Neutras

São alunos que, segundo Fante (2005, p.46) não demonstram sensibilidade pelas situações que presenciam. Possuem como se fosse uma “anestesia emocional” (aspas da autora), “*em função do contexto social que estão inseridos (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano*”. Pelo fato de estarem expostos a violência frequentemente eles acham natural resolver tudo na agressão física, por isso apresentam certa “anestesia emocional”.

A autora destaca que, independente do papel das testemunhas (espectadores) a omissão dos casos de violência só aumentam a impunidade e a resolução dos problemas, deixando-as fora de controle, dificultando as medidas de combate a essa violência.

3. As relações entre *bullying* e fracasso escolar

Para que se possa entender como o *bullying* influencia no aumento do fracasso escolar torna-se necessário entender como se dá o processo do fracasso escolar, das dificuldades de aprendizagem dos alunos que são vítimas de *bullying*, pois é importante destacar que o *bullying* não é o único fator responsável pelo fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem. É necessário compreender outros fatores que também contribuem, pois o aluno está inserido dentro de um contexto, que precisa ser considerado.

Apresentar e entender as dificuldades de aprendizagem requer que o indivíduo seja analisado dentro do seu contexto. Isto é, esta criança tem uma história de vida que deve ser levada em consideração na hora do diagnóstico psicopedagógico. Trata-se da observação várias perspectivas que envolvem este aluno, sejam elas do histórico familiar, de sua singularidade ou do meio que a rodeia.

A aprendizagem, segundo Poppovic (1968, apud CIASCA, 2003), é um processo evolutivo e constante, ocorrendo várias modificações no comportamento do indivíduo. E para que a aprendizagem seja realizada de maneira adequada, é preciso que a criança tenha bases neurológicas íntegras (FUNAYAMA, 2000, p.13). Mas estas bases neurológicas podem ser prejudicadas por questões de ordem genética, ou influências externas, tais como: o meio, o

ambiente, a família e a escola, fazendo assim com que a criança tenha dificuldades de aprendizagem.

Para Funayama (2000, p.24), a abordagem neurológica da criança com dificuldades de aprendizagem compreende a avaliação de aspectos de saúde gerais e neurológicos que possam estar interferindo na aprendizagem. Um dos recursos utilizados nessa avaliação é a anamnese:

A anamnese permite conhecer a história de vida da criança, caracterizar a dificuldade de aprendizagem ou de comportamento apresentados, considerar implicações, a aprendizagem, a presença de patologias já diagnosticadas ou estabelecer pela primeira vez diagnóstico diferencial para os distúrbios com manifestações, tais como hiperatividade, déficit de atenção, epilepsia e distúrbios psiquiátricos. (FUNAYAMA, 2000, p.24)

O sistema nervoso, segundo Funayama (2000, p.26), *“encontra-se em constante desenvolvimento. Isso tem correspondência com desempenho em provas do exame neurológico, que seguem um padrão evolutivo desde o nascimento”*. Ter o registro dessas avaliações neurológicas desde o período neonatal é de validade imprescindível para a apreciação prognóstica do desempenho neuropsicológico motor da criança.

Uma área que estuda e lida com os processos de aprendizagem e suas dificuldades, utilizando o conhecimento de outras áreas, é a Psicopedagogia:

A Psicopedagogia é uma área que se preocupa com as dificuldades de aprendizagem e entende o ato de aprender a partir de uma multiplicidade de fatores. Para tanto recorre ao conhecimento de outras áreas, como a Pedagogia, Psicologia, Neurologia, Sociologia, Linguística e Psicanálise visando alcançar a compreensão do processo de aprendizagem (YAEGASHI e AMARAL, 1994a, apud YAEGASHI, 1998, p.1).

A prática psicopedagógica no Brasil começou a se estruturar na década de 1960, com a divulgação da abordagem psiconeurológica do desenvolvimento humano. Porém, na história da Psicopedagogia a preocupação com os problemas de aprendizagem tiveram origem no século XIX, na Europa onde filósofos, médicos e educadores foram os primeiros estudiosos a respeito do processo de aprendizagem (YAEGASHI, 1998).

Segundo Yaegashi (1998, p.5),

inicialmente explicava-se o fracasso através dos aspectos orgânicos da aprendizagem, passando-se a considerar depois os aspectos emocionais e sociais. Só mais recentemente começaram a ser investigados os aspectos

intra-escolares e os mecanismos cognitivos subjacentes ao processo de aprendizagem.

Para Yaegashi (1998), o estudo dos problemas de aprendizagem e do conseqüente fracasso escolar requer uma abordagem interdisciplinar. Para tanto, não se deve desconsiderar no processo de investigação os aspectos educacionais, orgânicos, psicológicos, sociais e culturais que permeiam a realidade das crianças que não obtêm êxito na escola.

Neste sentido, Yaegashi (1998) aponta que a Psicopedagogia surgiu com o intuito de buscar uma visão mais integradora do processo de aprendizagem, recorrendo aos conhecimentos de várias áreas, já citadas acima, sem perder o foco educativo, em suas articulações sociais mais amplas.

Esta nova visão da Psicopedagogia, de acordo com Scoz (1994, apud YAEGASHI, 1998, idem) vem ganhando espaços nos meios educacionais e despertando interesse dos profissionais que atuam nas escolas.

Assim, embora a Psicopedagogia ela tenha nascido com o objetivo de proporcionar uma reeducação das crianças com problemas de aprendizagem, hoje, ela se preocupa principalmente com a prevenção do fracasso escolar. [...] (YAEGASHI, 1998, p.6)

Weiss (1992, p.1) diz que *“a não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, mas a questão é bem mais ampla”*. Sendo assim, o fracasso escolar na visão de Weiss (1992), pode ser analisado sob a perspectiva da sociedade, da escola e do aluno.

Mas para que se tenha um diagnóstico preciso é necessário levar em consideração os aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos. Ou seja, para ter uma compreensão melhor da problemática da criança Weiss (1992) destaca ser necessário levar em conta o aluno e suas particularidades, a dinâmica familiar e o ambiente escolar. Para Weiss (2007, p.95), *“quando a queixa escolar sobre dificuldades de aprendizagem ou produção escolar diz respeito a crianças em processo de alfabetização, a questão exige uma reflexão sobre os aspectos teóricos do assunto [...]”*.

Nesse sentido, Severino (2010, p.07) relata que a violência no âmbito escolar tem impactos catastróficos sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, uma vez que pode causar

comprometimentos, principalmente em “[...] *habilidades cognitivas, respostas emocionais e neuro-endócrinas, além de interferir nas atividades cotidianas, desempenho escolar, motivação para o lazer e, muitas vezes obrigando-os a adaptações bruscas e repentinas.*”

O *bullying*, conforme enfatiza Fante (2005, p.74) tem como característica principal a violência oculta, sendo assim, qualquer mudança, fora dos padrões normais devem ser identificadas e encaminhadas; a autora destaca que “Um dos sinais mais evidentes é a queda de rendimento escolar e a resistência em ir a aula”, (aspas da autora) explica a especialista em violência infantil, Cacilda Paranhos, do Laboratório de Estudos da Criança da Universidade de São Paulo”.

Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi abordar o *bullying*, seu surgimento, características e de que forma o mesmo influencia no fracasso escolar. Pode se verificar por meio das literaturas dos principais pesquisadores sobre o tema que o *bullying* traz consigo ações violentas, provocativas, que mesmo sem motivo aparente, causa sérios transtornos para os que são vítimas dele. Verificou-se também que entre as conseqüências que o *bullying* causa o fracasso escolar, foco do estudo é preocupante, pois o aluno, diante das ações sofridas acaba se sentindo “perseguido”. As ações de *bullying*, conforme relatada por Fante (2005), Silva (2010) e outros autores abordados na pesquisa causa contrangimento a vítima, a qual se sente humilhada diante das reações sofridas e muitas vezes se omite por medo de ser atacada novamente.

Santos e Grossi (2008, *apud* SEVERINO (2010, p.8)

afirmam que existem diversas formas de violência: “a física, a doméstica, a psicológica, a sexual, o *bullying*, entre outras [...]”, as quais raramente são cometidas por pessoas estranhas àquela que foi agredida. As violências direcionadas à infância são as “brigas, ofensas, intimidações, comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas e repressão”. Tais ações de mau gosto podem provocar danos psíquicos como, “suicídio, baixa auto-estima e novas fontes de violência.”

A realização do estudo foi importante pelo fato de trazer informações importantes a respeito dessa violência que causa tantos transtornos a sociedade e ao ambiente escolar, porque,

segundo Fante (2005, p.81) “*O fenômeno bullying passou a ser considerado como um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido pelos profissionais de saúde em razão aos danos físicos-emocionais sofridos por aqueles que estão envolvidos nele.*”

Fante (2005, p.81-82) destaca que

Nas últimas décadas, o bullying vem sendo tema de preocupações e interesse no meio educacional e social em todo o mundo, motivo pelo qual inúmeros estudos e publicações encontram-se á disposição, além de páginas da *web*, *chats* e linhas telefônicas para esclarecer dúvidas e receber denúncias. [...] Diversas pesquisas e programas de intervenção *antibullying* vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte, visando principalmente conscientizar toda a comunidade escolar sobre o fenômeno e sensibilizá-la sobre a importância do apoio às vítimas, buscando encaminhá-las para tratamentos clínicos, encorajá-las á denúncia, além de fazer com que se sintam protegidas.

O que ocorre na maioria dos casos desse tipo de violência é que as vítimas não se sentem amparadas, protegidas para denunciar os ataques sofrido, isso se dá pelo fato da escola e do próprio professor por muitas vezes neutralizar as ações ocorridas no ambiente escolar

Nesse sentido, Santos e Grossi (2008, *apud* SEVERINO, 2010, p.09) apontam que

“[...] a sala de aula é um ambiente onde ocorrem intimidades entre os grupos, por isso, aquela é considerada propensa ao reconhecimento das diversidades. O *bullying* pode ser confundido, no cotidiano, com brincadeiras, o que dificulta à escola e à família intervirem na relação entre os envolvidos, por isso, torna-se difícil a identificação do fenômeno.”

Sendo assim, o estudo do fenômeno *bullying* permitiu identificar a importância de se entender da gravidade de seus atos e de suas consequências, principalmente em relação ao fracasso escolar. Acentuou também a importância da relação da família da escola na manifestação dessas ações violentas, alertando que não só a escola, mas as famílias também precisam estar atentas as características desses atos desde o início, para que juntas possam criar meios de combate a essa violência. Muitas escolas atualmente já trabalham para a redução desses casos no ambiente escolar, juntamente com o apoio da família. Pode se identificar também a importância das vítimas se pronunciarem e denunciarem as ações sofridas para que a escola ou a família tomem as devidas consequências, porém nota-se que as vítimas na maioria das vezes encontram-se desprotegidas e inseguras para relatar as situações uma vez que a escola e

a família muitas vezes acabam naturalizando as ações, sem notar que ela pode ter consequências futuras de difícil resolução.

O estudo desse fenômeno não pode ser considerado de natureza teórica, ele permite a realização de pesquisas, estudos de caso que podem complementar ainda mais a identificação dos casos e das possíveis soluções, porém falar só não produz resultado é preciso que haja menos teoria e mais prática em relação ao combate do problema, pois ele não se resume só nas teorias, nos estudos, pesquisas, ele ocorre a todo momento e precisa ser eliminado.

Referências

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 14, n. 1, June 2010 p. 131 - 138. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04/04/2011.

CIASCA, Sylvia Maria. **Distúrbios de aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. Ribeirão Preto, SP: Click Books, 2003.

FANTE, Cleodelice; PEDRA, Augusto. **Fenômeno bullying: estratégias de intervenção e prevenção da violência entre escolares**. São Paulo, 2003.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a Paz. 2.ed.rev. e ampl. Campinas,SP: Verus Editora, 2005.

FUNAYAMA, Carolina A. R. **Problemas de aprendizagem**: enfoque multidisciplinar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v.87, n.1, Feb. 2011, p.19-23. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04/04/2011.

SANTOMAURO, Beatriz. Violência virtual. **Revista Nova Escola**, nº 233, Jun./Jul., 2010, p.66-73.

SEVERINO, Edivana Gomes. **Bullying e sua influência no desenvolvimento infanto-juvenil**. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2010.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TAVARES, Juliana. Brincadeira de mau gosto. **Ciência & Vida: Psique**, Ano V, ed.58, Out.2010, p.38 -47.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 12^a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

YAEGASHI, S. F. R. O que é Psicopedagogia? **Apontamentos**, 76: 1-58, 1998.